

EU VI, VOCÊ VIU? UMA ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES DO FASCISMO EM BRASIL MEDIEVAL DE ANDRÉ DAHMER¹

 <https://doi.org/10.56238/arev6n4-329>

Data de submissão: 19/11/2024

Data de publicação: 19/12/2024

Carlos Augusto Lima Ferreira

Doutor em Educação pela Universitat Autònoma de Barcelona (UAB)

Universidade Estadual de Feira de Santana

E-mail: caugusto@uefs.br

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/5080003389498032>

Eduardo José de Santana Júnior

Mestrando em Desenho, Cultura e Interatividade (PPGDCI)

Universidade Estadual de Feira de Santana

LATTES: <https://lattes.cnpq.br/7068862323151974>

RESUMO

Este estudo oferece uma análise das representações do fascismo na história em quadrinhos “Brasil Medieval” de André Dahmer. Exploramos como esse movimento político-ideológico é retratado na obra e os significados que lhe são atribuídos na narrativa. Incorporamos os conceitos de Fascismo, História em Quadrinhos e Representações de teóricos como Eco (2018), Adorno (2020), Paxton (2023), Roger Chartier (1988; 1991; 2011), Will Eisner (1989; 2005) e Ramos (2007; 2019). Realizamos uma contextualização da obra em relação ao momento histórico e social de sua produção, assim como a fundamentação dos conceitos mobilizados e a identificação dos elementos visuais e narrativos que caracterizam as representações do fascismo. A análise revela que a HQ apresenta uma visão crítica do fascismo, utilizando-o como alegoria para abordar questões como autoritarismo, intolerância e manipulação, convidando o leitor a refletir sobre suas implicações para a sociedade brasileira.

Palavras-chave: Representações. História em Quadrinhos. Fascismo.

¹ Este trabalho conta com o apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB).

1 INTRODUÇÃO

Em “Brasil Medieval”, André Dahmer utiliza a sátira mordaz e a linguagem dos quadrinhos para desmascarar as aflições da sociedade brasileira contemporânea. Por meio de personagens anônimos vestidos em trajes medievais, ele tece uma crítica contundente à ascensão do conservadorismo, à intolerância e ao retrocesso político que marcaram o final da década de 2010. Publicada em suas redes sociais entre 2014 e 2018, a série apresenta diálogos cotidianos entre os personagens medievais, que, ironicamente, refletem os discursos e práticas políticas que dominaram, e ainda dominam, o cenário nacional contemporâneo. Dahmer recorre a anacronismos para criar um efeito de estranhamento, convidando o leitor a refletir criticamente sobre a realidade do país.

O cenário sócio-político brasileiro tem tomado diversos contornos que apontam em uma guinada à direita. Desde as Jornadas de Junho, em 2013, e o impeachment da presidente Dilma Rousseff em 2016, é possível observar no cotidiano nacional indícios dessa guinada. Notícias² acerca de discursos fundamentalistas, narrativas conspiracionistas, militarização da sociedade, dentre outras características que comumente são associadas a movimentos fascistas têm sido cada vez mais comuns nos noticiários³.

Essa guinada se manifesta de diversas formas, desde o crescimento do conservadorismo religioso e do ultranacionalismo até o recrudescimento da violência contra minorias e hegemonia de um discurso contra “tudo que está posto”, e da constante insatisfação das classes médias. As redes sociais são um terreno fértil para a proliferação de discursos de ódio e *fake news*, que contribuem para a polarização da sociedade e o enfraquecimento da democracia. É dentro desse contexto que o quadrinista André Dahmer produz a série de histórias em quadrinhos (HQ) nomeada “Brasil Medieval”. A série retrata uma versão ficcional do Brasil em um futuro distópico dominado por um regime lido enquanto autoritário e de direita.

O presente artigo mergulha nas páginas da série de tirinhas “Brasil Medieval”, desvendando as representações do fascismo em um contexto ficcional medieval. Através da análise crítica da linguagem da HQ, propomos uma leitura que busca desvelar os eufemismos que nos demonstram as representações do fascismo. Através dessa análise, temos em vista reconhecer em “Brasil Medieval” uma forma válida de conhecer o mundo e suas diferentes dimensões, especialmente as nuances do

² O link a seguir é um exemplo desse tipo de noticiário, onde se reúnem de uma só vez a militarização da sociedade e, em outra leitura, a perseguição a minorias, através da exploração de minérios em terras indígenas. <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/02/03/bolsonaro-inclui-pauta-de-costumes-em-lista-de-prioridades-entregue-ao-congresso.ghtml>

³*Brazil's Top Official Fired Over Speech Evoking Nazi Propaganda*, disponível em: <https://www.nytimes.com/2020/01/17/world/americas/roberto-alvim-brazil.html>

fascismo, não só em um contexto inusitado.

A análise da obra de Dahmer se torna relevante por oferecer uma crítica contundente à guinada à direita no Brasil. Através da sátira e da metalinguagem, o autor explora os perigos do autoritarismo, da censura e da intolerância, convidando o leitor a refletir sobre o presente e o futuro do país. Primeiramente, contribui para o estudo das representações do fascismo em diferentes formas de arte e cultura, expandindo o debate para além dos contextos históricos tradicionais. Em segundo lugar, a leitura crítica da HQ permite explorar as relações entre texto e imagem, evidenciando como a combinação desses elementos pode gerar novas significações e interpretações. Por fim, este estudo demonstra o potencial das HQ como ferramenta de ensino e aprendizagem, convidando o leitor a refletir criticamente sobre temas históricos e sociais complexos.

2 METODOLOGIA

A pesquisa possui abordagem qualitativa, uma vez que buscamos compreender e interpretar significados, discursos e elementos simbólicos presentes em “Brasil Medieval”. Seguimos a abordagem proposta por Roger Chartier (1988), pela qual os documentos são concebidos como manifestações culturais que refletem as práticas e representações de uma sociedade específica em um determinado período. Essa abordagem implica que os documentos, sejam eles textos, imagens, obras de arte ou outros tipos de registros, não são simples reflexos passivos da realidade, mas sim produtos ativos das práticas culturais da época em que foram criados.

Dessa forma, os documentos utilizados não são apenas os quadrinhos em si, mas também as representações contidas neles. Os desenhos e textos não são apenas um meio de contar uma história, mas também uma expressão cultural que incorpora as práticas e representações da época em que Dahmer os criou. As representações presentes em “Brasil Medieval” abrangem uma ampla gama de tópicos relacionados ao cotidiano brasileiro, são carregadas de significados que remetem às práticas observadas por seu autor.

Quanto aos protocolos de análise, a HQ será interpretada em duas vertentes, interna e externa: na interna, é verificado o momento que está sendo representado na obra, por exemplo: HQ que representam o passado; outras, o presente; outras, ainda, o futuro; ou, até mesmo, uma mistura de todos esses tempos. O contexto interno nos mostra os rumos da narrativa e as ações e acontecimentos da história, bem como os caminhos a seguir para o entendimento da obra e o tipo de narrativa que ali reside, se se trata de uma ficção ou uma biografia, por exemplo. Já na externa, é examinada a produção da obra, o local de fala do autor e os aspectos que podem influenciar sua perspectiva acerca dos objetos e sujeitos que desenha.

A leitura que aqui fazemos de Brasil Medieval se apresenta como uma das possibilidades de leitura da obra, com base nas representações construídas no ideário desses autores, é interessante notar quais dispositivos e mecanismos são utilizados para permitir tal leitura, dessa forma, passaremos aos conceitos que fundamentam nossa análise dos quadros.

3 FUNDAMENTAÇÃO

Neste estudo, nossa investigação se concentra no fascismo, utilizando a história em quadrinhos (HQ) “Brasil Medieval” como um documento histórico singular, por qual tivemos em vista desvendar quais representações do fascismo se fazem presente na HQ, e de qual forma, percorrendo os diversos modos como as HQ interpretam e traduzem a realidade.

As HQ se configuram como uma linguagem autônoma, capaz de transmitir mensagens complexas por meio da combinação de imagens e palavras. Mais do que simples entretenimento, elas assumem o papel de documentos históricos, oferecendo revelações e compreensões valiosas sobre o contexto social e político em que foram criadas. Nossa objeto de estudo, o fascismo, se manifesta de forma complexa e multifacetada nas HQ. Ele se materializa em ações, palavras, modos de ser, ver, interpretar e, por fim, representar o mundo. Através da análise dos personagens e das situações em que se inserem, podemos identificar as características intrínsecas ao fascismo, tanto veladas quanto explícitas, explorando suas diversas formas de manifestação e interpretação da realidade (Chartier, 1988; Ramos, 2019; Martins, 2006; Knauss, 2006).

Um dos aspectos mais intrigantes das HQ é sua capacidade de refletir os contextos sociais e políticos nos quais são concebidas. Como produtos culturais enraizados em seu tempo, as histórias em quadrinhos capturam frequentemente as ansiedades, aspirações e dilemas da sociedade que as engendra. Por exemplo, durante períodos de conflito ou transição social, as HQ frequentemente abordam essas questões em suas narrativas, servindo como um espelho dos sentimentos e ideais prevalentes naquele momento histórico.

Além disso, as HQ têm sido utilizadas como meio de registrar eventos históricos de importância significativa. Ao longo dos anos, diversas obras como “Maus” de Art Spiegelman (1986), Palestina de Joe Sacco (1993), Persépolis de Marjane Satrapi (2007) e Mafalda de Quino (1964 – 1973), dentre muitas outras, emergem para abordar temas como guerras, memórias, lutas sociais e mudanças políticas. Essas narrativas não apenas documentam os eventos em si, mas também oferecem uma perspectiva singular sobre como tais acontecimentos foram percebidos e interpretados pela sociedade contemporânea.

A compreensão do fenômeno do fascismo nas HQ exige uma base teórica que transcende os

limites do próprio meio. O fascismo, enquanto sistema de crenças e práticas, tem sido objeto de estudo em diversas disciplinas, incluindo história, ciência política, sociologia e estudos culturais. Através dessas lentes teóricas, podemos compreender melhor as manifestações do fascismo nas HQ e suas ramificações na sociedade.

3.1 HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

A sequência de imagens e símbolos, carregados de significado intrínseco, configuram uma linguagem própria: a Arte Sequencial (Eisner, 1989, p. 8). Em termos simples, podemos compreendê-la como a arte de construir narrativas através de imagens e palavras. A narrativa, por sua vez, assume o papel de elemento fundamental para que a combinação de “imagens e palavras” se transforme em uma História em Quadrinhos. Tal qual o cinema, o jornal e a música, os quadrinhos se caracterizam como uma linguagem multifacetada e autônoma (Ramos, 2019).

A configuração geral da revista de quadrinhos apresenta uma sobreposição de palavra e imagem, e, assim, é preciso que o leitor exerça as suas habilidades interpretativas, visuais e verbais. As regências da arte (por exemplo, perspectiva, simetria, pincelada) e as regências da literatura (por exemplo, gramática, enredo, sintaxe) superpõem-se mutuamente. A leitura da revista em quadrinhos é um ato de percepção estética e de esforço intelectual (Eisner, 1989, p. 8).

Scott McCloud, buscando aprimorar a definição de Will Eisner, propõe uma nova formulação para quadrinhos: "Imagens justapostas em sequência deliberada, com o objetivo de transmitir informações e/ou provocar uma resposta no leitor" (2005, p. 9). Essa definição concisa e elucidativa destaca dois elementos centrais da linguagem em quadrinhos: a narrativa visual e a intenção comunicativa. McCloud enfatiza a relevância da disposição sequencial das imagens, que guiam a leitura e constroem a história.

Essa sucessão de acontecimentos cuidadosamente planejados é essencial para a narrativa dos quadrinhos, por guiar o fluxo de leitura e influenciar a interpretação do leitor. Destaca ainda que, a natureza comunicativa dos quadrinhos não se trata apenas de uma sucessão de imagens, mas de uma forma de expressão que visa transmitir mensagens, contar histórias e evocar emoções no público.

Essa definição amplia a compreensão dos quadrinhos como uma forma de arte e comunicação altamente sofisticada. Além disso, ressalta a importância da intencionalidade por trás da criação de quadrinhos, onde cada imagem e sua disposição são cuidadosamente selecionadas para alcançar um determinado efeito no espectador. Como dito por Ramos (2019, p. 19) “Quem produz a obra tem uma intenção ao escrever-la”.

Ao explorar as páginas de uma revista em quadrinhos, o leitor se depara com uma interação

complexa entre diferentes elementos narrativos, onde cada característica contribui para a construção da narrativa de maneira complementar. A leitura de uma revista em quadrinhos não é apenas um ato de decodificação visual, mas também um exercício intelectual que demanda análise crítica e sensibilidade estética. O leitor é desafiado a interpretar não apenas o que é mostrado nas imagens, mas também como é apresentado através do texto, gestos dos personagens e composição visual das cenas (Ramos, 2019, p. 90 – 91). Essa interação dinâmica entre elementos estéticos e narrativos enriquece a experiência de leitura e permite ao leitor explorar novas camadas de significado em cada página.

Portanto, a leitura de uma revista em quadrinhos é um processo ativo e envolvente, onde o leitor é convidado a participar na construção e interpretação da narrativa. Assim, as HQ se destacam como uma linguagem que desafia as convenções tradicionais e amplia os horizontes da expressão criativa. Gestos e trejeitos dos personagens, por exemplo, podem transmitir nuances emocionais e comunicativas que enriquecem a compreensão da história. O simples ato de sorrir ou franzir a testa pode adicionar camadas de significado a uma cena, oferecendo visões sutis sobre as emoções dos personagens. Os efeitos sonoros escritos, as onomatopeias, como “BOOM” ou “POW”, adicionam uma dimensão auditiva à narrativa, permitindo que os leitores imaginem o som da ação que está ocorrendo na página. Esses elementos sonoros não apenas tornam a experiência mais imersiva, mas também contribuem para o ritmo e o tom da história. Como observado por Eisner (2005), Ramos (2019) e Cirne (1975), os efeitos sonoros nas HQ são uma ferramenta poderosa para evocar emoções e transmitir ação de forma dinâmica.

3.2 REPRESENTAÇÃO

Representação, no contexto desta pesquisa, refere-se à maneira como os elementos visuais e textuais da obra “Brasil Medieval” transmitem as impressões do quadrinista André Dahmer, e como, a partir desses fragmentos, nós podemos recuperar ideias subjacentes às ações fascistas, seus horrores e implicações ideológicas. A representação não apenas denota a mera transmissão dos elementos supracitados, mas também a maneira intrincada e complexa pela qual tais elementos são articulados para evocar sensações, transmitir ideias e provocar reflexões no leitor.

A análise da representação em “Brasil Medieval” não se limita à superfície estética, mas adentra os domínios da psique coletiva, explorando como as imagens e palavras selecionadas pelo artista operam como veículos para a expressão de percepções, críticas e temores. A obra não apenas retrata o cenário histórico medieval do Brasil, mas transcende esse contexto, servindo como um espelho para questões contemporâneas, incluindo as manifestações de ideologias fascistas.

Ao examinar os fragmentos dessa representação, mergulhamos em um processo de

decodificação, buscando desvendar as camadas de significado subjacentes. Esses fragmentos não são meras partes isoladas da série, mas janelas para um mundo de ideias interconectadas, onde os horrores do passado e as implicações ideológicas ressoam no presente. Dentro desse contexto, a representação em “Brasil Medieval” emerge como um campo fértil para a análise crítica e a reflexão sobre as tensões políticas, sociais e culturais que permeiam a sociedade contemporânea. Através do trabalho de André Dahmer, somos convidados não apenas a contemplar os vestígios do passado, mas também a confrontar as realidades do presente e a questionar o futuro que estamos moldando.

A relação intrínseca entre memória e representação emerge como um eixo central de análise. Entendendo a memória como um fenômeno socialmente construído, no qual as lembranças são moldadas por interações sociais, influências culturais e experiências coletivas, torna-se essencial explorar como essas memórias são acessadas e representadas (Bosi, 1994; Halbwachs, 1990). A representação desempenha um papel crucial no entendimento dessas memórias: ela não apenas documenta visual e textualmente eventos históricos, mas age como um meio de tradução e interpretação. As escolhas estilísticas, as metáforas visuais e os diálogos presentes em “Brasil Medieval” não são meramente um registro, mas representações permeadas pela subjetividade do autor e pela filtragem das suas lembranças e interpretações. A representação, então, emerge como uma lente poderosa através da qual podemos examinar e compreender essas memórias socialmente construídas.

Roger Chartier (1988) lembra que a representação é resultado da recepção social dada pela coletividade; dessa forma, as representações agiriam como geradoras de um mundo social. Entendimento similar ao de Jacques Le Goff (1994, p. 11), para quem o campo das representações “[...] engloba todas e quaisquer traduções mentais de uma realidade exterior percebida”. Portanto, para a compreensão do significado de qualquer representação, é exigido o entendimento das intenções e códigos da representação por si mesma, demonstrando a intricada relação com a ideologia.

As ideias de Chartier e Le Goff convergem ao destacar que as representações não são meras cópias da realidade, mas sim construções sociais ativas na formação do mundo em que vivemos. Para além de traduções mentais da realidade externa, as representações são produtos da cultura e da história, carregadas de intenções e códigos que moldam nossa percepção do mundo.

Compreender o significado de uma representação exige, portanto, um mergulho no contexto social e cultural em que foi criada. Desvendar seus códigos e intenções nos permite entender como ela contribui para a construção da realidade social, moldando identidades, valores e relações de poder. Ao analisarmos criticamente as representações presentes em nossa sociedade, podemos identificar seus mecanismos de influência e questionar os valores e ideologias que elas transmitem.

3.3 FASCISMO

Umberto Eco (2018) argumenta que o fascismo não é uma ideologia bem definida, mas sim uma colagem de diversas ideias filosóficas e políticas, ainda que contraditórias. Em sua percepção, é possível falar do fascismo sob diversos prismas, porque ele se adapta a diferentes contextos históricos e sociais, haja vista que possui diversas características, a saber: culto à tradição; rejeição à modernidade e à discordância; obsessão por uma narrativa, pela conspiração e eleição de um inimigo; ação pela ação; apelo às classes médias frustradas; racismo; xenofobia; desprezo pelos fracos; militarização da sociedade; e culto ao líder.

Eco nos convida a enxergar o fascismo não como uma ideologia monolítica e coerente, mas como um conjunto de características e tendências que podem se manifestar de maneiras diversas, adaptando-se aos contextos históricos e sociais específicos. O fascismo pode surgir em diferentes lugares e momentos, assumindo características particulares que refletem as condições políticas, econômicas e culturais locais. Por exemplo, enquanto em alguns contextos o fascismo pode se manifestar por meio de um nacionalismo extremado e xenofóbico, em outros ele pode surgir como uma reação à crise econômica, explorando o descontentamento das classes médias e operárias.

A ênfase de Eco na diversidade de características do fascismo nos ajuda a compreender a complexidade dessa ideologia e suas raízes profundas na psicologia coletiva e na dinâmica social. Ademais, “[...] o termo ‘fascismo’ adapta-se a tudo porque é possível eliminar de um regime fascista um ou mais aspectos, e ele continuará sempre a ser reconhecido como fascista” (Eco, 2018, p. 34). Cabe pontuar que ele não deve ser enxergado por uma ótica purista, conceitualmente falando, como se houvesse uma lista de características a serem cumpridas, mas que devem ser analisadas da forma mais flexível e contextual. Por essa ótica, não existiria um fascismo contemporâneo ou neofascismo. Na verdade, afirma Eco (2018), existiria um fascismo eterno que está sujeito a mudanças no cenário político e social, isto é, a complexidades e nuances do mundo moderno.

A presença de líderes populistas, a propagação de discursos nacionalistas inflamados e a deterioração das instituições democráticas são apenas alguns dos sinais apontados por Eco como indicativos de uma tendência fascista em ascensão. Estes elementos não são apenas características isoladas, mas sim partes de um padrão mais amplo de comportamento e ideologia que ecoam os princípios fundamentais do fascismo, tais como o culto à liderança carismática, a busca por um inimigo comum e a rejeição da pluralidade democrática.

Nessa perspectiva, Silva (2008) defende que a tese de universalidade do fascismo vai de encontro a proposições que entendem as experiências alemã e italiana como fenômenos exclusivos daqueles contextos. Para o autor,

[...] os fascismos enquanto regimes autoritários antiliberais, antidemocráticos e anti-socialistas possuiriam suas próprias especificidades nacionais, suas histórias específicas, que, por sua vez, não descharacterizariam a universalidade e autonomia do fenômeno ante outras formas de autoritarismo (ditadura, bonapartismo e ditaduras militares) (Silva, 2008, p. 118).

Silva sugere uma compreensão do fascismo como um fenômeno multifacetado, cujas características podem variar segundo o contexto histórico e nacional em que se desenvolvem. Ao reconhecer as especificidades nacionais dos fascismos, Silva indica que esses regimes não são simplesmente réplicas uns dos outros, mas sim produtos de condições históricas, culturais e políticas particulares em cada país onde emergiram. Visão que também é compartilhada por Paxton (2023, p. 41), quando diz “Precisamos de um termo genérico para o que é um fenômeno geral; na verdade, a novidade política mais importante do século XX: um movimento popular contra a esquerda e contra o individualismo liberal”. Na mais recente edição do seu livro, “A anatomia do Fascismo”, Paxton realiza um grande esforço para delinear e dar ao fascismo uma definição:

O fascismo tem que ser definido como uma forma de comportamento político marcada por uma preocupação obsessiva com a decadência e a humilhação da comunidade, vista como vítimas, e por cultos compensatórios da unidade, da energia e da pureza, nas quais um partido de base popular formado por militantes nacionalistas engajados, operando em cooperação desconfortável, mas eficaz, com as elites tradicionais, repudia as liberdades democráticas e passa a perseguir objetivos de limpeza étnica e expansão externa por meio de uma violência redentora e sem estar submetido a restrições éticas ou legais de qualquer natureza (2023, p. 378).

O fascismo, em sua essência, tece um paradoxo: clama por ordem e segurança, mas o faz por meio do caos e da violência. Ao desprezar as liberdades democráticas e abraçar a “violência redentora”, como bem definiu o autor, revela sua face autoritária e antidemocrática. Se disfarça enquanto redenção, prometendo salvar a nação de seus males, mas seus métodos são brutais: intimidação, perseguição étnica e expansão territorial, tudo sem qualquer consideração por ética ou lei.

É nesse ponto que reside a grande contradição: como medir algo tão avesso à razão e à ética com ferramentas que ele mesmo despreza? Adorno (2020) é categórico: tentar mensurar o fascismo por tais parâmetros é tolice. Ele se ergue justamente nas brechas daquilo que se tenta impor como normas. Sua análise serve como um lembrete: o fascismo não é apenas uma ideologia política, mas sim uma ameaça à liberdade, à dignidade humana e à própria ordem democrática. A mera possibilidade de ascensão de um regime de extrema-direita expõe a falha inerente à democracia liberal.

No neoliberalismo, as desigualdades socioeconômicas exacerbadas, a fragmentação social e a alienação individual são características que ecoam os princípios do fascismo. O neoliberalismo, ao

promover uma cultura de individualismo e competitividade desenfreada, pode alimentar sentimentos de ressentimento, ansiedade e medo, explorados por movimentos políticos de extrema-direita. Além disso, a concentração de riqueza e poder nas mãos de uma elite econômica mina a democracia e cria condições propícias para o surgimento de líderes autoritários que prometem soluções simplistas e autoritárias para problemas complexos.

Ouve-se com muita frequência, em relação a essas categorias como ‘os eternamente incorrigíveis’ e outros fraseados de consolo, a afirmação de haveria em toda democracia algo como um resíduo de incorrigíveis ou de idiotas, uma assim chamada *lunatic fringe*, como dizem nos Estados Unidos. E, quando se diz isso, // há aí um certo consolo quietista burguês. Creio que a isso só se pode responder: claro que em toda assim chamada democracia do mundo observa-se algo desse tipo, com intensidade variada, mas somente enquanto expressão de que a democracia, no que concerne ao conteúdo (o conteúdo socioeconômico), até hoje não se concretizou real e totalmente em nenhum lugar, tendo permanecido como algo formal. E, nesse sentido, poderíamos caracterizar os movimentos fascistas como as feridas, as cicatrizes de uma democracia que até hoje ainda não faz justiça a seu próprio conceito (Adorno, 2020, p. 50).

O teórico alemão alerta para não subestimar a persistência do fascismo no contexto contemporâneo, mesmo que ele se apresente de formas diferentes do passado. O fascismo pode se manifestar não apenas em partidos políticos abertamente fascistas, mas também em movimentos e discursos que promovem a exclusão, o preconceito e a intolerância. Em vez de vê-lo como um evento político isolado, Adorno (2020) o interpreta como um sintoma das crises e contradições que caracterizaram o século XX, uma consequência direta da modernidade e das complexidades do sistema capitalista.

Dessa maneira, o neoliberalismo, ao propagar a lógica do mercado como única solução para os problemas da sociedade, cria um vácuo simbólico e ideológico. Essa desestruturação das instituições tradicionais, aliada à crescente desigualdade social e à sensação de insegurança, abre caminho para a proliferação de ideologias autoritárias e xenofóbicas.

4 ANÁLISE

André Dahmer, criador de histórias em quadrinhos no Brasil, possui pelo menos dez livros publicados por várias editoras e suas obras são veiculadas em jornais de ampla circulação como O Globo e Folha de S. Paulo. Entre 2014 e 2018, ele produziu a série de tiras "Brasil Medieval" para suas redes sociais, meio pelo qual atingiu um vasto público. Essas tiras cômicas apresentam diálogos entre personagens em cenários medievais, fazendo comentários que se relacionam com o cotidiano brasileiro daquele período histórico e que também podem ser percebidos na contemporaneidade. O autor, com sua obra prolífica, insere-se nesse panorama das tirinhas cômicas como um artista que

consegue, com maestria, mesclar humor ácido e crítica social. Suas criações, como as séries "Malvados" e "Quadrinhos dos Anos 10", exploram as contradições e absurdos do cotidiano com um olhar crítico sobre temas como internet, vida sexual, trabalho e capitalismo. A persistência do absurdo cotidiano trabalhada nos quadros é um dos elementos marcantes dessas tiras.

Essas tiras são analisadas no contexto da teoria dos quadrinhos, especificamente como tirinhas cômicas, um subgênero dentro do hipergênero das Histórias em Quadrinhos. Como destaca Ramos (2019), as tirinhas cômicas são um formato muito difundido no Brasil, encontrado em jornais, revistas e outros meios de comunicação. São caracterizadas pelo humor, sendo esse um dos elementos principais do gênero. Segundo Ramos (2019, p. 24)

A temática atrelada ao humor é uma das principais características do gênero tira cômica. Mas há outras: trata-se de um texto curto (dada a restrição do formato retangular, que é fixo), construído em um ou mais quadrinhos, com presença de personagens fixos ou não que cria uma narrativa com desfecho inesperado no final.

O trabalho de Dahmer é reconhecido pelo humor e de certa forma pela extratextualidade, tendo em vista que, na maioria de seus trabalhos, o entendimento do humor velado, do sarcasmo, se dá através do contraste retratado nas tiras com o cotidiano vivenciado/observado pelo brasileiro contemporâneo e as vestimentas e cenários medievais. Dessa forma, se faz necessário, do público leitor, o entendimento do contexto externo à própria obra.



Fonte: André Dahmer, [sem título], s/d.

As figuras 1 a 5, à exceção da figura 2, apresentam cenas compostas por três quadros, protagonizadas por cavaleiros medievais. Essa caracterização é evidente nas vestimentas, no cenário e no título das tirinhas. Em cada quadro, presenciamos diálogos entre os cavaleiros, representados por balões uniformes. Apesar da temática frequentemente envolver atos de violência simbólica ou física, a disposição dos balões e a linguagem utilizada transmitem a sensação de uma conversa amistosa.

As tirinhas se destacam por sua sagacidade ao utilizar o humor ácido como ferramenta para

desconstruir mitos e estereótipos arraigados na sociedade brasileira. O humor, nesse caso, não se limita ao mero entretenimento, mas se configura como um instrumento de crítica social, convidando o leitor a questionar suas próprias crenças e valores. A chave para o humor da tirinha reside na inversão de expectativas. Através da justaposição de elementos aparentemente díspares, como o imaginário medieval fantasioso e a realidade brasileira contemporânea, as tirinhas criam um efeito cômico que, ao mesmo tempo, expõe a hipocrisia e o preconceito presentes em nossa sociedade.

Figura 2 - Pertencimento



Fonte: André Dahmer, [sem título], s/d.

Na tirinha da figura 1, o cavaleiro medieval, figura emblemática de bravura e heroísmo [sic], é exposto como porta-voz de intolerância e violência, defendendo a repressão de minorias e a imposição de suas crenças sob a bandeira da fé. Essa reinterpretação subverte a imagem romantizada do cavaleiro, convidando o leitor a uma reflexão crítica sobre os discursos de ódio e preconceito que permeiam a sociedade atual. A tirinha se torna ainda mais pungente ao traçar um paralelo entre a hipocrisia da postura dos cavaleiros - hoje sabidamente lidos enquanto mercenários da fé -, e o discurso evangélico e neopentecostal contemporâneo. A retórica de "guerra espiritual" e a demonização de grupos minoritários, como a comunidade LGBTQIA+, ecoam nas ações dos cavaleiros, expondo a hipocrisia de um discurso que prega o amor, mas na prática incita o ódio e a violência.

Essa incongruência entre discurso e prática revela a manipulação da fé para fins políticos e sociais, servindo como instrumento de controle e dominação. Ao utilizar o humor como ferramenta de crítica social, a tirinha utiliza da comédia para propor a um diálogo mais profundo com o leitor.

O uso da sátira e da ironia permitem que Dahmer represente as práticas de uma extrema-direita em ascensão no país. No contexto brasileiro, a ridicularização de ideais extremistas pode servir como

⁴ Segundo Fernanda Pavelchuk "[...] o estigma associado às identidades lésbicas, gays e bissexuais (LGB) é o que expõe o grupo à condição de vulnerabilidade social. Pessoas LGB são consideradas minorias sexuais, uma vez que a sociedade entende a heterossexualidade como a norma" (2020, p. 42).

uma forma de resistência cultural e política, contribuindo para o debate público e a conscientização sobre as consequências dessas ideologias na sociedade. A linguagem simples e direta, aliada ao humor, torna a mensagem acessível a um público diverso, promovendo a reflexão crítica sobre temas importantes para a sociedade brasileira. Ao destacar as raízes socioculturais do fascismo, que se manifestam não apenas em regimes autoritários, mas também em formas mais sutis de intolerância e discriminação presentes na sociedade contemporânea.

Figura 3 - Eleição



Fonte: André Dahmer, [sem título], s/d.

Figura 4 – Rejeição a discordância



Fonte: André Dahmer, [sem título], s/d.

Em “Aspectos do novo radicalismo de direita” Adorno nos alerta que, se desejamos realmente enfrentar a ascensão desses movimentos, devemos estar atentos, sobretudo a juventude, “que deve ser alertada da disciplina militar sob todas as suas formas, da opressão de sua esfera privada e de seu estilo de vida” (Adorno, 2020, p. 58). Como podemos observar na figura 4, ela pode ser interpretada quase como que a ilustração daquilo que nos diz Adorno. Ao passo que, no momento de dar maior importância a um evento de sua esfera pessoal, o segundo cavalheiro se vê em contradição com aquilo que é pregado pelo coletivo. Assim prossegue Adorno (2020, p. 58) “e deve-se alerta-los do culto de uma assim chamada ordem, que por seu lado não se verifica pela razão;”. Ora, a simples menção da não possibilidade de participar do ataque de ódio, já demarca que, talvez, aquele sujeito já não pense e haja conforme o culto, o colocando na posição de sujeito indesejado naquele coletivo.

Figura 5 – Minorias



Fonte: André Dahmer, [sem título], s/d.

As representações culturais e a ideologia são conceitos intrinsecamente ligados, como Barros (2005) sugere, e podem ser observados na análise de regimes autoritários, como o fascismo. A ideologia fascista, ao promover uma visão intolerante e repressiva, busca apropriar-se de representações culturais para reforçar sua hegemonia. Este processo é evidenciado na maneira como o fascismo lida com a oposição e a crítica, procurando suprimir a diversidade de pensamento e manter um controle rígido sobre as expressões sociais e políticas. Assim, a ideologia não apenas molda as representações, mas também é moldada por elas, num ciclo contínuo que sustenta o poder de regimes autoritários e limita a liberdade de expressão e a pluralidade ideológica.

Os diálogos de Dahmer em "Brasil Medieval" são ferramentas subversivas que expõem contradições, hipocrisias e perigos da extrema-direita. Através da sátira e do humor, Dahmer nos convida a questionar as crenças e valores propagados por esses grupos, incentivando o pensamento crítico e a reflexão sobre as práticas representadas em suas tiras.

5 CONCLUSÃO

Este texto busca estender a análise para além das discussões teóricas, adentrando o campo das expressões artísticas. Para isso, a História em Quadrinhos "Brasil Medieval" do quadrinista brasileiro André Dahmer foi a expressão artística escolhida para análise. Por meio dessa obra, é possível explorar como as características políticas da segunda década dos anos 2000 no Brasil podem ser interpretadas e representadas, contribuindo para uma compreensão mais profunda da temática.

Essas tiras cômicas, ao serem compartilhadas nas redes sociais, não apenas divertem, mas também provocam o pensamento crítico e a discussão entre os usuários, refletindo a maleabilidade e a relevância contínua das tirinhas no cenário atual.

Nesse contexto de análise crítica e multidimensional, este texto visa não apenas avaliar as características do período à luz da noção de fascismo, mas também compreender as implicações mais amplas dessas avaliações para a política, a sociedade brasileira e a produção artística. Ao explorar as

perspectivas desses teóricos e conceitos, almeja-se um entendimento mais profundo das características dos movimentos da nova direita no Brasil e sua relação com o fascismo, contribuindo para o debate público e acadêmico sobre esse tema complexo e relevante.

Ao buscarmos uma fundamentação teórica que nos favorecesse para a discussão do tema, mergulhamos na compreensão dos elementos históricos e políticos que permeiam a obra de Dahmer. As histórias em quadrinhos, enquanto forma de expressão artística, revelam-se como um meio poderoso para a crítica social e política, capaz de alcançar um amplo público e provocar reflexões significativas. Em "Brasil Medieval", Dahmer utiliza essa forma narrativa para representar de maneira distinta e contundente os elementos do fascismo presentes na sociedade contemporânea brasileira.

A representação do fascismo na obra de Dahmer não se limita a uma mera transposição histórica de conceitos datados no tempo, mas sim a uma interpretação e reflexão sobre os traços autoritários e totalitários presentes na realidade política atual. Através de diálogos, o autor constrói uma narrativa que ressoa com os dilemas e desafios enfrentados pela sociedade brasileira, destacando as consequências nefastas do extremismo e da intolerância.

Buscamos oferecer não apenas uma análise da obra em si, mas também uma reflexão sobre os desafios políticos e sociais enfrentados pela sociedade contemporânea. Ao desvelar os elementos do fascismo presentes na obra de Dahmer, este artigo, sem ter a pretensão de esgotar o tema, convida a uma reflexão crítica sobre os rumos da democracia destacando a importância da linguagem dos quadrinhos como ferramenta para a conscientização e transformação social.

Pudemos notar, a partir das representações construídas, que o fascismo se trata de possível resultado de democracias ainda não realizadas, dada a sua insistente manifestação em momento de desestabilização política e econômica. E a produção de André Dahmer se mostra uma excelente fonte de análise, por se tratar de um documento cultural contemporâneo onde o autor expressa suas reflexões, e dos riscos eminentes subterfugiados em práticas percebidas cotidianamente, e que, não ocasionalmente – e não por acaso – são interpretadas como brados infantis e sem substância, baixando a guarda e ruindo uma frágil democracia que demonstra que ainda não é aquilo que se propôs a ser.

A democracia, revela-se mais como uma idealização do que como uma prática plenamente realizada. Em vez de um sistema que promove igualdade e participação popular, temos uma democracia dominada por grandes conglomerados e interesses financeiros, colocando em segundo plano as necessidades humanas. O surgimento do fascismo representa uma contradição evidente nesse contexto de democracia liberal, que se concentra no indivíduo, no lucro e no possuir, deixando de lado o ser. O fascismo propaga a coletivização do pensamento, promovendo uma mediocridade intelectual que atribui às esquerdas a responsabilidade por todas as contradições e falhas desse modelo

democrático liberal. Assim, trabalha incessantemente para alimentar um ambiente de divisão, criando um cenário de "nós contra eles" que justifica sua própria existência, ao mesmo tempo em que consolida o vazio existencial daqueles que se sentem e se tornam alienados dentro da máquina implacável do capitalismo.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor. *Aspectos do novo radicalismo de direita*. São Paulo: Editora Unesp, 2020.
- BARROS, José D'Assunção. A História Cultural e a contribuição de Roger Chartier. *Diálogos*. vol. 9, no. 1, 2005, pp.125 – 141. Disponível em: <https://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/view/41422/21738>. Acesso em: 20 jun. 2024.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças dos velhos*. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. Trad. de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editora, 1988.
- CHARTIER, Roger. Defesa e ilustração da noção de representação. *Fronteiras*, [S. l.], v. 13, n. 24, p. 15–29, 2011. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/FRONTEIRAS/article/view/1598>. Acesso em: 21 mar. 2024.
- CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, v. 5, n. 11, p. 173–191, jan. 1991.
- CHICO, Márcia Tavares. Uma proposta de metodologia para a análise de histórias em quadrinhos. *Cadernos UniFOA*, Volta Redonda, n. 43, p. 121-131, 2020. Disponível em: <https://revistas.unifoaa.edu.br/cadernos/article/view/3304>. Acesso em: 8 jun. 2024.
- ECO, Umberto. *O fascismo eterno*. Tradução Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2018.
- EISNER, Will. *Narrativas Gráficas*. São Paulo. Devir, 2005.
- EISNER, Will. *Quadrinhos e Arte Seqüencial*. 3ª edição. São Paulo. Martins Fontes, 1989.
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória coletiva*. Tradução: Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1990.
- KNAUSS, Paulo. O desafio de fazer história com imagens: arte e cultura visual. *ArtCultura*, v. 8, nº 12. Uberlândia. 2006. p. 97 – 115. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/1406>. Acesso em: 14 jun. 2024.
- LE GOFF, Jacques. Memória. In: *História e Memória*. Campinas: UNICAMP, 1994.
- MARTINS, Raimundo. Porque falamos e como falamos da cultura visual? *Visualidades*. Goiânia, v. 4, n. 1 e 2, p. 65-79, jan./dez., 2006. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/VISUAL/article/view/17999>. Acesso em: 20 jun. 2024.
- MCCLOUD, Scott. *Desvendando os Quadrinhos*. São Paulo: M. Books do Brasil Editora, 2005.
- PAXTON, Robert O. *A anatomia do fascismo*. Tradução Patrícia Zimbres, Paula Zimbres. 2 ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 2023.

QUERIDO, Fábio. Adorno, o fascismo e as aporias da razão. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 37, n. 108, p. 327-330, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/8NqRhj98JpW8GxHPzbYVfFc/>. Acesso em: 20 jun. 2024.

RAMOS, Paulo Eduardo. *Tiras cômicas e piadas: duas leituras, um efeito de humor*. 2007. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

RAMOS, Paulo. *A leitura dos quadrinhos*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019.

SANTOS, Dominique, V. C. dos. Acerca do conceito de representação. *Revista de Teoria da História*, Goiânia, v. 6, n. 2, p. 27–53, 2014. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/teoria/article/view/28974>. Acesso em: 18 mai. 2024.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Os fascismos. In: FERREIRA, Jorge; REIS FILHO, Daniel Aarão; ZENHA, Celeste. (Orgs.). *O século XX - O tempo das crises: revoluções, fascismos e guerras*. 4 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

PAVELTCHUK, Fernanda de Oliveira; BORSA, Juliane Callegaro. A teoria do estresse de minoria em lésbicas, gays e bissexuais. *Rev. SPAGESP*, Ribeirão Preto, v. 21, n. 2, p. 41-54, dez. 2020. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702020000200004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 22 maio. 2024.

PAXTON, Robert O. *A anatomia do fascismo*. Tradução Patrícia Zimbres, Paula Zimbres. 2. Ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 2023.